Título: Curricularização da extensão universitária sob uma perspectiva forte de processo.

Autores: Leonardo Kussek de Aguiar (leonardoaguiar@ufpr.br), Queila Regina Souza Matitz (queila.matitz@ufpr.br), Vanessa Serafim (vanessaserafim@ufpr.br)

Resumo: A curricularização da extensão representa uma transformação relevante no ensino superior brasileiro ao integrar atividades extensionistas aos currículos universitários. Apesar do avanço normativo e institucional, a literatura ainda apresenta limitações teóricas para compreender a extensão como fenômeno processual, relacional e temporal. Diante dessa lacuna, esta pesquisa propõe reconceitualizar a curricularização da extensão a partir da filosofia *Strong-view process* aplicada a estudos organizacionais, compreendendo universidade, sociedade e currículo como processos emergentes e relacionalmente constituídos. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa inspirada na ontologia processual, utilizando etnografia processual, análise temporal de eventos e métodos colaborativos para acompanhar práticas extensionistas em tempo real. Como contribuições esperadas, a pesquisa almeja oferecer uma fundamentação ontológica inovadora para os estudos sobre extensão universitária, ampliando o debate teórico sobre relacionalidade, fronteiras organizacionais e processos formativos no ensino superior.

Palavras-chave: curricularização da extensão, filosofia processual, Strong-view process, estudos organizacionais, fronteiras organizacionais.

1. Contextualização e Objetivos

A Curricularização da Extensão é uma exigência legal que busca incluir e integrar, de maneira obrigatória, as atividades de extensão universitária nas grades curriculares dos cursos de graduação de todo o Brasil, sendo pautada principalmente no princípio da união entre ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 2023). Partindo desse princípio, pode-se compreender a extensão universitária como um processo multidimensional que envolve interdisciplinaridade, questões políticas, educacionais, culturais, científicas e tecnológicas que visam promover uma interação bilateral entre as instituições de ensino superior e a sociedade (Brasil, 2018).

Para aprofundar o que será debatido neste projeto de pesquisa precisamos, inicialmente, compreender as questões legais a respeito da Curricularização da Extensão. No ano de 2018 foi desenvolvido o Marco Regulatório para regulamentar e padronizar a legislação brasileira. Na Resolução CNE/CES nº 7/2018 foram definidas as diretrizes para a Extensão, bem como a categorização de que as atividades deveriam ser inseridas em modalidades como programas, projetos, cursos, oficinas, eventos ou prestação de serviços. A partir dessa resolução as instituições de ensino superior foram obrigadas a atualizar seus Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) e a criarem as suas próprias métricas de autoavaliação (CPA) para identificar e demonstrar o impacto das atividades (Brasil, 2018).

Em 2023, após os impactos gerados pela Pandemia da COVID-19, houve uma revisão e flexibilização promovida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) publicado no Parecer CNE/CES nº576/2023, em que as atividades de extensão poderiam passar a ser realizadas de maneira remota e foi delimitado que a extensão necessariamente deve ocupar um espaço de formação que varia entre 10% e 12% da carga horária total dos cursos (Brasil, 2023).

Recentemente, em 2025, um novo parecer do CNE foi publicado para reforçar as questões relacionadas ao cumprimento integral e rigoroso para todos os estudantes que ingressaram em um curso de ensino superior a partir do ano de 2023, independentemente de a matriz curricular estar atualizada ou não (Brasil, 2025). Em outras palavras, o Parecer CNE/CES nº 487/2025 busca tornar evidente que a instituição que não cumprir as normas propostas pode sofrer sanções administrativas nos processos de regulação junto ao Ministério

da Educação (MEC), bem como explicitar que a emissão de diplomas sem a carga horária de extensão é irregular, prejudicando, inclusive, a validade do documento do aluno formado.

Ora, expostas as definições legais e regulamentadoras das curricularização da extensão, é importante discutir também as questões relacionadas à prática extensionista, que aqui serão analisadas a partir de artigos científicos. Os autores que trabalham com esse tema, em sua grande maioria, debatem que é necessário que os alunos que participam das atividades extensionistas necessariamente tenham um ganho acadêmico, encarando a curricularização da extensão como uma oportunidade de inovação pedagógica, promovendo mudanças qualitativas nos currículos, nas metodologias de ensino e na dinâmica interna das instituições (Spatti et al., 2023).

Além disso, como cada instituição de ensino deve criar as suas próprias métricas de avaliação (CPA), outro tema evidente no debate é a urgência por essas métricas de avaliação e a falta de instrumentos sistematizados para realizar uma avaliação institucional (Silva; Bolwerk, 2025). Métricas puramente quantitativas, como número de pessoas atendidas e ou quantidade de eventos realizados, não são suficientes para uma avaliação completa e, se analisados isoladamente, podem gerar distorções. Assim, trabalhos recentes propõe a utilização de avaliações qualitativas para medir questões relacionadas a aspectos subjetivos como a satisfação, o desenvolvimento do senso crítico por parte dos discentes e o bem-estar gerado na comunidade atendida pelas atividades extensionistas (Silva; Vieira; Filho, 2024).

Outro tema também debatido nos artigos recentes envolve as questões relacionadas às barreiras estruturais das universidades, que muitas vezes acabam dificultando a curricularização, como: a rigidez dos currículos tradicionais, a burocracia institucional e a resistência de professores e alunos que estão acostumados a vivenciar o ensino apenas dentro de sala de aula ou de laboratórios (Bertoldi; Broetto, 2026). Para superar essas barreiras, é necessário superar a visão de transferência de conhecimento das universidades para a sociedade e adotar uma interação dialógica, onde a academia também está aberta a aprender com os saberes populares e o engajamento com a sociedade passa a ser o princípio que direciona todas as ações institucionais (Gimenez et al., 2023; Silva; Vieira; Filho, 2024; Silva; Bolwerk, 2025).

Por fim, outra questão que é trazida nos artigos diz a respeito do protagonismo do(a) discente na curricularização da extensão. Para tal, é necessário considerar a extensão como um processo uma visão social integrada, e o estudante como um ser social capaz de gerar novas ideias, trabalhos, teorias e novos saberes (Silva; Vieira; Filho, 2024). Dessa maneira, é possível ultrapassar a visão unilateral do conhecimento produzido pelas universidades, em uma construção colaborativa em que há um processo de autonomia das pessoas e o aluno, como protagonista dessa relação, pode retroalimentar a universidade a partir da experiência advinda desses encontros (Silva; Vieira; Filho, 2024).

Esse protagonismo discente pode ser fortalecido quando há uma participação ativa do(a) aluno(a) em todas as fases de um projeto: planejando ações, implementando e principalmente realizando a sua autoavaliação (Silva; Vieira; Filho, 2024). Dessa maneira, ao utilizar metodologias que privilegiam o(a) estudante o estudante a ser a figura central da sua formação, existem ganhos relacionados tanto ao aprendizado quanto ao desenvolvimento da criatividade e das habilidades comunicativas (Bertoldi; Broetto, 2026).

Em contraposição a esta ideia, quando há apatia, desmotivação, frustrações, dificuldade de lidar com mudanças e falta de apoio emocional e psicológico, corre-se o risco de perder o protagonismo estudantil (Gimenez et al., 2023). Por isso, urge a necessidade de compreender e aprofundar diretamente estudos e debates sobre como o papel ativo do(a) aluno(a) deve ser gerido nas universidades, estruturando uma disciplina teórica e reflexiva sobre a importância

do seu protagonismo antes da realização prática das atividades extensionistas. Essa ideia, por sua vez, seria então capaz de superar problemas extensionistas como o assistencialismo pontual das universidades, as ações sem continuidade e as dificuldades de comunicação dialógicas entre instituição e sociedade (Silva; Vieira; Filho, 2024).

Percebe-se, então, uma gama de desafios relacionados a prática da curricularização da extensão universitária em âmbito nacional e, junto com esses desafios, percebe-se uma escassez de debates teóricos em relação aos conceitos utilizados por esses mesmos trabalhos. Diversos autores buscam compreender a extensão como um 'processo dinâmico' (Faria; Ceccato; Souza, 2024; Marques et al., 2025; Santos; Acioli, 2024) mas não elaboram a partir de uma perspectiva ontológica o que significa tratar a extensão como um processo de fato. Além disso, autores discutem sobre a ampliação das fronteiras entre universidade e sociedade (Faria; Ceccato; Souza, 2024; Melo *et al.*, 2023), mas não exploram a fundamentação teórica sobre a natureza teórica do que são essas fronteiras e de como universidade e sociedade se relacionam por meio delas.

Para contribuir com o desenvolvimento teórico dessas questões, propomos repensar a conceitualização da curricularização da extensão por meio da filosofia processual. Essa filosofia tem sido aplicada aos estudos organizacionais como uma alternativa às ontologias substancialistas que dominam o campo (Matitz; Chaerki; Chaerki, 2021) propondo que a realidade é fundamentalmente constituída por processos, e não por entidades estáveis (Langley; Tsoukas, 2010; Fortwengel; Schüßler; Sydow, 2017). Dessa maneira, Whitehead, por exemplo redefine a realidade a partir de 'eventos', em que cada momento da realidade incorpora e sintetiza eventos passados e permite que novos eventos se formem (Laari-Salmela, 2009), compreendendo assim as organizações não como entidades estáveis que podem mudar ocasionalmente, mas como processos contínuos. Assim, a perspectiva whiteheadiana busca desfiar a visão tradicional de fronteiras organizacionais como linhas de demarcação fixas, propondo que elas são produzidas e reproduzidas continuamente através de práticas relacionais (Nordqvist; Hall; Melin, 2009; Clegg; Kornberger; Rhodes, 2005).

Apesar de ambos os campos de pesquisa serem emergentes e apresentarem relevância, não é encontrado nenhum diálogo teórico entre a filosofia forte de processo e a literatura a respeito da curricularização da extensão no Brasil. A inexistência desse diálogo nos indica, então, uma lacuna teórica importante e significativa, visto que essa perspectiva ontológica oferece ferramentas conceituais que podem ser alternativas para repensar as principais questões da extensão universitária, como aquilo que é denominado processos dinâmicos da extensão e as fronteiras relacionais existentes entre as universidades e a sociedade. Com base nas lacunas teóricas identificadas e buscando articular a filosofia processual de Whitehead com a curricularização da extensão, a pergunta de pesquisa a ser respondida ao desenvolver este trabalho é como a ontologia forte de processo pode contribuir para uma nova conceitualização da curricularização universitária no Brasil ao alterar o foco de entidades e estruturas para processos de relacionalidade? E também a partir dessa relacionalidade, especificamente, este trabalho pretende explorar como a filosofia forte de processo pode fundamentar a fluidez das fronteiras entre universidade e sociedade, a partir de uma nova conceitualização em que as fronteiras passam a ser vistas como zonas relacionais onde as universidades e a sociedade se co-constituem de maneira mútua.

2. Metodologia

Para articular e desenvolver um trabalho que envolva a curricularização da extensão universitária a partir da filosofia forte de processo será necessário utilizar abordagens metodológicas que sejam coerentes com a ontologia processual, alterando o foco para eventos,

fluxos temporais, relacionalidade e questões emergentes para superar a perspectiva tradicional de estruturas fixas e causalidades lineares.

Seguir essa perspectiva implica, portanto, em desenvolver estudos e pesquisas em tempo real para que seja possível não só compreender mas também acompanhar as atividades de extensão e os processos de curricularização enquanto eles se desenvolvem, permitindo capturar a temporalidade vivenciada e os processos relacionais emergentes, indo além de meras reconstruções do passado (Myllykoski, 2017; Nordqvist; Hall; Melin, 2009). Para capturar esses momentos vividos com fluidez, relacionalidade e emergência, a proposta é o desenvolvimento de uma etnografia processual para captação dos momentos vividos e da interação extensionista entre universidade e sociedade, com foco na co-constiuição de práticas concretas (Packendorff; Crevani; Lindgren, 2014).

Além disso, para a definição das unidades analíticas, o intuito é trabalhar a partir de eventos buscando identificar e analisar ocasiões presentes resultantes da interação extensionista, investigando como cada um dos eventos é capaz de interpretar acontecimentos passados e criar possibilidades de eventos futuros (Chaerki; Matitz, 2021; Hernes, 2017). Partindo deste princípio, a análise temporal permite examinar como cada momento pode incorporar a história e projetar futuros, capturando a interconexão entre passado, presente e futuro (Matitz; Chaerki; Chaerki, 2021).Visto que toda a extensão possui foco em diálogo e co-criação entre universidade e sociedade, métodos colaborativos que priorizem o evolvimento de docentes, discente e comunidade também serão priorizados durante o da pesquisa para que todos os atores também sejam co-pesquisadores e contribuam para o desenvolvimento do trabalho.

Por fim, como contexto empírico a ser estudado, foram escolhidos os cursos de Administração e Ciências Contábeis de um Centro Universitário privado que está implementando a curricularização da extensão, possui projetos de extensão diversos e seus alunos passam por disciplinas extensionistas ao longo de toda a sua formação acadêmica. Essa escolha permite o acompanhamento dos processos de curricularização e das atividades extensionistas ao longo do desenvolvimento deste trabalho, permitindo capturar processos temporais e a emergência dos eventos.

3. Resultados Esperados

Ao desenvolver uma pesquisa que coordena a filosofia processual forte com a curricularização da extensão, os principais resultados esperados inicialmente são contribuições teóricas tanto para o campo dos estudos organizacionais quanto para os estudos a respeito da extensão universitária e para a filosofia da educação.

Ao utilizar a filosofia processual forte para estudar o contexto das organizações universitárias e as políticas educacionais é possível expandir os campos que ainda são pouco explorados por essa perspectiva (Matitz; Chaerki; Chaerki, 2021; Hernes, 2014). Dessa maneira, esse estudo possui um potencial contributivo para pesquisas sobre mudanças organizacionais e institucionais a partir de relações emergentes (Myllykoski, 2017; Packendorff; Crevani; Lindgren, 2014) ao teorizar sobre processos de implementação de políticas públicas e estratégias organizacionais sob uma ontologia processual. Também é possível explorar e aprofundar a compreensão teórica das fronteiras organizacionais, aqui encaradas como fluidas, em contextos em que as organizações (universidades) e seu ambiente (sociedade) são constituídos a partir dessas relações, contribuindo para teorias a respeito da relacionalidade organizacional (Laari-Salmela, 2009, Schwengber, 2025). E, ainda no contexto teórico, o trabalho apresenta competências para ir além do contexto empresarial, ao aprimorar e desenvolver conceitos processuais e aplicá-los em organizações educacionais.

As possíveis contribuições para os estudos a respeito da extensão universitária são arrojadas e visam oferecer a primeira fundamentação ontológica processual para o campo, preenchendo uma lacuna teórica significativamente importante na literatura brasileira sobre extensão (Marques et al., 2025; Fontenele, 2024). Como resultado, o trabalho busca superar descrições vagas de extensão como processos dinâmicos dinâmico' (Faria; Ceccato; Souza, 2024; Santos; Acioli, 2024), e desenvolver um vocabulário conceitual para articular a natureza processual, relacional e temporal da extensão para oferecer uma alternativa teórica para as compreensões substancialistas que dominam o campo sobre extensão. Finalmente, oferecer uma fundamentação teórica para compreender a curricularização como um processo de tornar-se curricular, contribuindo para teorias sobre a flexibilidade e integração curricular por meio da perspectiva processual (Fortwengel; Schüßler; Sydow, 2017; Packendorff; Crevani; Lindgren, 2014). Em relação a filosofia da educação, as contribuições podem auxiliar a repensar questões educacionais fundamentais a partir da aplicação da filosofia de forte de processo que ainda é pouco explorada nos estudos da educação superior brasileira, oferecendo uma epistemologia processual aplicada para repensar e reconceitualizar conhecimento, aprendizagem e formação por outros prismas (Dibben, 2004).

Por fim, integrando todas as contribuições, o trabalho possui potencial significativo de demonstrar como a ontologia processual pode iluminar tanto questões práticas quanto políticas ao superar a divisão entre teoria filosófica abstrata e prática educacional, demonstrando como conceitos que são aparentemente abstratos podem oferecer alternativas e ideias para a implementação da curricularização da extensão.

5. Conclusões

Esse trabalho identifica lacunas teóricas importantes na relação entre a filosofia forte de processo e a curricularização da extensão universitária no Brasil. Ao identificar lacunas relacionadas a ontologia (Substâncias vs. Processos) e lacunas relacionadas a atividades relacionais (fronteiras organizacionais fluidas), o trabalho busca oferecer ferramentas conceituais para buscar uma nova conceitualização e compreensão da extensão universitária e do desenvolvimento da curricularização. O ponto-chave do trabalho é, portanto, tratar universidade, sociedade, currículo e extensão não como entidades estáveis que precisam ser conectadas, mas compreendê-los como processos emergentes que são constituídos relacionalmente através de relações concretas em que existem interações.

As perguntas de pesquisa oferecem, então, direcionamentos reais que podem preencher essas lacunas teóricas e a metodologia enfatizam as abordagens processuais que são correntes com a ontologia processual de estudos em tempo real, etnografia processual, análise de eventos e métodos colaborativos para capturar processos em vez de focar em estruturas estáveis (Myllykoski, 2017; Nordqvist; Hall; Melin, 2009; Packendorff; Crevani; Lindgren, 2014). Compreende-se que a curricularização da extensão no Brasil representa uma transformação significativa no ensino superior brasileiro, mas sua implementação e a sua compreensão teórica são limitadas por pressupostos substancialistas implícitos (Marques et al., 2025; Fontenele, 2024). Portanto, desenvolver um trabalho que articula a filosofia processual de Whitehead com a curricularização da extensão pode oferecer contribuições teóricas e ideias práticas para a implementação de políticas educacionais que reconhecem a natureza processual e relacional da educação superior e suas relações com a sociedade. Esse diálogo, permanece inexplorado e essa pesquisa pode inaugurar um diálogo ao demonstrar como uma ontologia processual sofisticada pode iluminar questões educacionais concretas, contribuindo para uma compreensão profunda da universidade como processo em uma relação contínua com a sociedade.

6. Referências

BERTOLDI, Anderson; BROETTO, Laline. Percepções de estudantes sobre os impactos da extensão no ensino superior. *Extensão em Debate: Revista da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Alagoas*, v. 15, ed. esp. 24, 2026.

BRASIL. Parecer CNE/CES nº 487/2025. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2025. Disponível em: Ministério da Educação. Acesso em: 25 abr. 2026.

BRASIL. Parecer CNE/CES nº 576/2023. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2023. Disponível em: Ministério da Educação. Acesso em: 25 abr. 2026.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 7/2018. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: Ministério da Educação. Acesso em: 25 abr. 2026.

CHAERKI, Karine Francisconi; MATITZ, Queila Regina Souza. Organização como evento: implicações conceituais e teóricas da adoção de uma perspectiva processual strong-view. *Revista Eletrônica de Administração*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 253-280, maio/ago. 2021. DOI: 10.1590/1413-2311.323.104101.

CLEGG, Stewart R.; KORNBERGER, Martin; RHODES, Carl. Learning/becoming/organizing. *Organization*, v. 12, n. 2, p. 147-167, 2005.

DIBBEN, Mark. Exploring the processual nature of trust and cooperation in organisations. *Philosophy of Management*, v. 4, n. 1, p. 25-39, 2004. DOI: 10.5840/pom20044112.

FARIA, Paula Maria Ferreira de; CECCATO, Beatriz Helena; SOUZA, Silvia Jaqueline Pereira de. Curricularização da extensão na área da saúde: um relato de experiência multiprofissional. *Revista Gestão & Saúde*, p. 636-646, 2024.

FONTENELE, Iolanda Carvalho. A curricularização da extensão no Brasil: história, concepções e desafios. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 27, e97067, 2024. DOI: 10.1590/1982-0259.2024.e97067.

FORTWENGEL, Johann; SCHÜßLER, Elke; SYDOW, Jörg. Studying organizational creativity as process: fluidity or duality? *Creativity and Innovation Management*, v. 26, n. 1, p. 5-16, 2017. DOI: 10.1111/caim.12187.

GIMENEZ, Ana Maria Nunes; GAVIRA, Muriel de Oliveira; MACHADO, Michel Mott; CUNHA, Dyane Guedes. O uso da teoria da mudança para avaliar a integração curricular da extensão universitária. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 17, e6157050, 2023.

HERNES, Tor. *A process theory of organization*. Oxford: Oxford University Press, 2014. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780199695072.001.0001. ISBN 978-0-19-969508-9.

HERNES, Tor. Process as the becoming of temporal trajectory. In: LANGLEY, Ann; TSOUKAS, Haridimos (ed.). *The SAGE handbook of process organization studies*. London: SAGE Publications, 2017. p. 601-607. DOI: 10.4135/9781473957954.n38.

LAARI-SALMELA, Sari. *The process of strategy formation in software business: three cases from Kainuu region, Finland*. Oulu: University of Oulu, 2009. (Acta Universitatis Ouluensis A, Scientiae Rerum Naturalium, 539). ISBN 978-951-42-9281-1.

LANGLEY, Ann; TSOUKAS, Haridimos. Introducing perspectives on process organization studies. In: HERNES, Tor; MAITLIS, Sally (ed.). *Process, sensemaking, and organizing*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 1-26.

MARQUES, Rangel Ribeiro et al. Desafios e perspectivas da curricularização da extensão: uma análise a partir da percepção de coordenadores universitários. *Revista Extensão em Foco*, Curitiba, n. 37, p. 1-21, ago./dez. 2025.

MATITZ, Queila Regina Souza; CHAERKI, Karine Francisconi; CHAERKI, Sergio Filipe. Theorizing relations between past, present and future: interactions between process and historical organizational studies through Whitehead's process philosophy. *Philosophy of Management*, v. 20, n. 2, p. 201-217, 2021.

MYLLYKOSKI, Jenni. *Strategic change emerging in time*. Oulu: University of Oulu, 2017. (Acta Universitatis Ouluensis G Oeconomica, 91). ISBN 978-952-62-1542-6.

NORDQVIST, Mattias; HALL, Annika; MELIN, Leif. Living moments in family meetings: a process study in the family business context. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 33, n. 3, p. 701-726, 2009.

PACKENDORFF, Johann; CREVANI, Lucia; LINDGREN, Monica. Project leadership in becoming: a process study of an organizational change project. *Project Management Journal*, v. 45, n. 3, p. 5-20, 2014. DOI: 10.1002/pmj.21418.

SANTOS, Sanadia Gama dos; ACIOLI, Adenize Costa. A curricularização da extensão na Universidade Estadual de Alagoas: um itinerário em construção. *Revista Práticas em Extensão*, v. 8, n. 2, 2024.

SCHWENGBER, Jessica Geraldo. A relational view on organization ontology: insights from methodological relationism, process philosophy, and critical realism. In: WIELAND, Josef; BÜCHNER, Katja (ed.). *Advances in Relational Economics*. Cham: Springer, 2025. p. 47-62. DOI: 10.1007/978-3-031-75725-9_3.

SILVA, Luciane Duarte da; VIEIRA, Almir Martins; FILHO, Elmo Tambosi. Curricularização da extensão universitária: indicadores de avaliação para os cursos de administração e contabilidade. *Avaliação (Campinas)*, v. 29, 2024.

SILVA, Márcia Gabriele Carvalho; BOLWERK, Aloísio. Avaliação da extensão universitária curricularizada: construção de instrumento de conformidade com base em diretrizes normativas e institucionais. *Revista Conexão UEPG*, Ponta Grossa, v. 21, 2025.

SPATTI, Ana Carolina et al. Curricularização da extensão universitária: como medir seus impactos? *Revista Tecnologia e Sociedade*, v. 19, n. 58, 2023.